

Preconceito linguístico: um assunto pertinente ao universo escolar

Linguistic prejudice: a subject relevant to the school universe

Adalucy Martins Pinto¹

<https://orcid.org/0000-0002-7233-673X>

Claudia Zanata de Oliveira Vasconcelos²

<https://orcid.org/0000-0002-6272-0906>

Resumo

O presente trabalho expõe algumas discussões acerca das variações linguísticas da língua portuguesa falada no Brasil e sobre o preconceito linguístico presente em nossa sociedade. O artigo objetiva combater a disseminação do preconceito linguístico no ambiente escolar propondo práticas pedagógicas baseadas na reeducação sociolinguística e faz uma análise das atividades desenvolvidas com alunos do 8º ano da Escola Municipal Jardim Bela Vista, município de Sorriso/MT. Para embasarmos nosso trabalho, utilizamos os preceitos teóricos de Marcos Bagno (2007), Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004), entre outros.

Palavras-chave: Preconceito Linguístico, Reeducação Sociolinguística, Escola Jardim Bela Vista.

Abstract

This work presents some discussions about the linguistic variations of the Portuguese language spoken in Brazil and about the linguistic prejudice present in our society. The paper aims to combat the dissemination of linguistic prejudice in the school environment by proposing pedagogical practices based on sociolinguistic reeducation, analyzing the activities carried out with 8th grade students from Jardim Bela Vista Municipal School, Sorriso / MT municipality. To support this work, the theoretical precepts of Marcos Bagno (2007), Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004), among others, were used.

Keywords: Linguistic Prejudice, Sociolinguistic Reeducation, Jardim Bela Vista School.

A língua e suas variações

A língua, também denominada de idioma, é definida como sendo um conjunto de códigos e palavras que é usado por uma mesma comunidade de fala, é um sistema de vocabulário dinâmico, mútuo, e por isso está sujeito a diversas variações, as quais chamamos de variações linguísticas, que estão relacionadas aos contextos sociocultural, geográfico e histórico nos quais os falantes estão inseridos.

¹ Mestranda na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Sinop/MT, PROFLETRAS. Graduada em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: adalucymartins@hotmail.com.

² Mestranda na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Sinop/MT, PROFLETRAS. Graduada em Letras pelas Faculdades Integradas de Fátima do Sul -MS. E-mail: claudiazavasconcelos@gmail.com.

A linguagem é essencial ao homem como ferramenta de socialização, sendo assim a língua é, portanto, o instrumento pelo qual um determinado grupo interage e, conseqüentemente, transmite sua cultura, tradições e expressões de pensamento. Coadunado à essa vertente, Coelho (1977) define a língua como:

[...] um sistema de símbolos vocalizados que existem em disponibilidade na sociedade que a produziu; é a forma particular de uma sociedade específica perceber e reorganizar o universo perceptível - perceber, compreender e expressar o universo físico, cultural, real e imaginário: é, portanto, um acervo cultural historicamente formado, codificado num sistema de simbolização convencional que a sociedade produz e guarda através da memória coletiva. (COELHO, 1977, p. 54).

O principal papel da língua é propiciar a comunicação entre seus usuários e para que a interação ocorra é natural que seus falantes recorram às variadas formas de expressões comunicativas, de acordo com a necessidade das relações sociais.

Partindo do pressuposto de que as variações linguísticas têm como intuito primordial a comunicação, não podem de maneira alguma serem consideradas como “erradas” por esse ou aquele falante, uma vez que cumprem exatamente sua função de interação. Ao considerarmos determinadas variações como menos prestigiadas ou àquelas que violam a variante culta estamos, conseqüentemente, contribuindo para a disseminação do “preconceito linguístico”.

Pressupostos teóricos acerca do preconceito linguístico

O Brasil é um país com grande extensão territorial e em razão da sua grandeza possui vasta diversidade cultural que, naturalmente, propicia a ocorrência de inúmeras variações linguísticas existentes nas diversas regiões brasileiras e em distintos estratos sociais. Contudo, o preconceito linguístico ainda é bastante arraigado em nossa sociedade, que estigmatiza o “modo de falar” de grupos sociais menos favorecidos, atribuindo prestígio apenas aos que falam “certo”.

Partindo dessa concepção, Marcos Bagno (2006, p. 40) afirma que:

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola- gramática- dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada”, feia, estropiada, rudimentar, deficiente [...]

Talvez por termos uma educação linguística baseada exclusivamente nos pressupostos da gramática normativa e por sofrermos fortes influências dos meios de comunicação, o preconceito linguístico é cada vez mais evidente no Brasil, sobretudo no universo escolar. É comum, por exemplo, nos depararmos com comentários preconceituosos em relação à fala de quem mora em cidades interioranas, na zona rural ou em regiões como o Nordeste. Marcos Bagno, em sua obra *Preconceito linguístico - o que é, como se faz*, ressalta que:

O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo [...] Também a gramática não é a língua. (BAGNO, 1999, p. 9).

Nesse sentido, é necessário compreender que, ao se impor a norma-padrão e a gramática normativa como sendo as únicas formas “corretas” de falar, contribui-se naturalmente para o advento do preconceito linguístico. O sistema linguístico criado para servir de parâmetro não pode, de maneira alguma, ser utilizado como pretexto para a disseminação do preconceito linguístico, ou seja, a gramática normativa é subordinada à língua e não deve ser utilizada como instrumento de poder e ascensão social.

Desconstruindo o preconceito linguístico na escola

A escola, enquanto instituição social e espaço de democratização de saberes, deve colaborar para a construção da linguagem formal, ao passo que também deve promover durante as práticas pedagógicas uma reflexão acerca das variações linguísticas, respeitando e valorizando o modo de falar de cada aluno.

Nesse sentido, Marcos Bagno (2006, p. 168) preconiza que:

Ensinar bem é ensinar para o bem. Ensinar para o bem significa respeitar o conhecimento intuitivo do aluno, valorizar o que ele já sabe do mundo, da vida, reconhecer na língua que ela fala sua própria identidade como ser humano. Ensinar para o bem é acrescentar e não suprimir, é elevar e não rebaixar a autoestima do indivíduo. Somente assim, no início de cada ano letivo, este indivíduo poderá comemorar a volta às aulas, em vez de lamentar a volta às jaulas.

Destarte, a escola não pode ser espaço de exclusão social, tanto professores quanto alunos precisam entender que, quando se refere a expressões regionais, gírias e demais variações linguísticas, não se deve dizer que existe um modo “certo” e outro

"errado" de se expressar. É preciso levar em conta o fato de a língua estar em constante mudança e sujeita a alterações, de acordo com os contextos sociocultural, histórico e regional de cada falante.

Nessa perspectiva, Bortoni-Ricardo (2005) afirma que:

A instituição escolar não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. Algumas conferem prestígio ao falante, aumentando-lhe a credibilidade e o poder de persuasão; outras contribuem para formar-lhe uma imagem negativa, diminuindo-lhe as oportunidades. Há que se ter em conta ainda que essas reações dependem das circunstâncias que cercam a interação. Os alunos que chegam à escola falando "nós cheguemu", "abrido" e "ele drome", por exemplo, têm que ser respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades lingüístico-culturais, mas têm o direito inalienável de aprender variantes do prestígio dessas expressões. Não se lhes pode negar esse conhecimento, sob pena de se fecharem para eles as portas, já estreitas, da ascensão social. O caminho para uma democracia é a distribuição justa de bens culturais, entre os quais a língua é o mais importante. Essas questões lingüístico-educacionais têm de ser mais discutidas e a sua importância, para a implantação de um estado democrático, redimensionada. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15-16).

A necessidade da reeducação sociolinguística

Ao tratarmos deste tema, precisamos lembrar que a sociolinguística já se intitula, como descreve Bortoni-Ricardo (2017, p. 11), "uma nova maneira de ler o mundo". Esta ciência autônoma e interdisciplinar, que teve início em meados do século XX, surgiu da necessidade de novos modelos de letramento, bem como de ensino e aprendizagem que entendam o porquê há falas estigmatizadas ou não. Conforme Marcuschi,

O modelo que pretendo sugerir como adequado para tratar dos problemas de letramento é o que parte da observação das relações entre a oralidade e o letramento na perspectiva do contínuo das práticas sociais e atividades comunicativas envolvendo parcialmente o modelo ideológico (em especial o aspecto da inserção da fala e da escrita no contexto da cultura e da vida social) e observando a organização das formas lingüísticas no contínuo dos gêneros textuais. (MARCUSCHI, 2001, p. 28).

E, para explicar a expressão sociolinguística educacional, Bortoni-Ricardo diz,

Denominei sociolinguística educacional o esforço de aplicação dos resultados das pesquisas sociolinguísticas na solução dos problemas educacionais e em propostas de trabalho pedagógico mais efetivas. Para isso, o paradigma incorpora resultados de estudos sociolinguísticos quantitativos e qualitativos,

enriquecendo-os com subsídios oriundos de áreas afins [...]. (BORTONI-RICARDO, 2017, p.158).

Ao entendermos os propósitos da sociolinguística educacional, passamos a nos perguntar o que significa reeducação sociolinguística, a que ela veio, e qual responsabilidade cabe ao professor de língua portuguesa em relação a este trabalho? Segundo Bagno,

[...] Significa valer-se do espaço e do tempo escolares para formar cidadãos e cidadãos conscientes da complexidade da dinâmica social, conscientes das múltiplas escalas de valores que empregamos a todo momento em nossas relações com as outras pessoas por meio da linguagem. (BAGNO, 2007, p. 82).

Bagno ainda enfatiza que,

[...] a educação linguística primária, primeira, primordial se dá logo no início da vida de qualquer pessoa, quando ela entra num mundo rodeado de outras pessoas que não param de falar ao seu redor. Quando (ou se) essa pessoa vai para a escola, tudo o que ela aprendeu espontaneamente até então em seu convívio familiar, comunitário, social vai se transformar em saber formalizado, sistematizado, delimitado em áreas específicas de conhecimento, rotulado por meio de conceitos, explicado com a ajuda de teorias. (BAGNO, 2007, p. 82).

Portanto, a reeducação sociolinguística está diretamente associada à uma nova educação, é uma maneira de reorganizar os saberes linguísticos, e, como confirma Bagno,

[...] não tem nada a ver com “correção” nem com substituição de um modo de falar por outro – ao contrário, a reeducação sociolinguística tem que partir daquilo que a pessoa já sabe e sabe bem: falar a sua língua materna com desenvoltura e eficiência. E é uma reeducação sociolinguística porque é através dela que o aprendiz conhecerá os juízos de valor sociais que pesam sobre cada uso da língua. (BAGNO, 2007, p. 84).

Cabe a nós, professores de língua portuguesa, portanto, entendermos todas estas explicações e termos como ponto de partida a necessidade de mudança na abordagem de nossos alunos em relação às suas inadequações, sejam na fala ou escrita. Para que estas mudanças aconteçam efetivamente, precisamos promover, inicialmente, aos nossos alunos o resgate da autoestima linguística.

Também é papel do professor fazê-los tomar consciência dos valores que o uso da língua apresenta na sociedade, garantir aos alunos o acesso a outras formas de falar e

escrever, isso significa ampliar seu repertório comunicativo. Dessa forma, Bortoni-Ricardo confirma que,

Quando faz uso da língua, o falante não só aplica as regras para obter sentenças bem formadas, mas também faz uso de normas de adequação definidas em sua cultura. São essas normas que dizem quando e como monitorar seu estilo. [...] Em todos esses processos, ele tem sempre de levar em conta o papel social que está desempenhando. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 73).

É imprescindível entendermos que proporcionar a reeducação sociolinguística não é fácil, porém é possível, e há muitos autores que escrevem sobre este tema com o intuito de que nós professores reconheçamos a competência sociolinguística de nossos alunos, para tanto, é urgente renunciarmos ideologias arcaicas e preconceituosas sobre a língua. Como enfatiza Bagno,

A tarefa de reconhecer a competência linguística e comunicativa dos alunos e das alunas e, ao mesmo tempo de ampliar e expandir essa competência, é uma tarefa delicada e sofisticada, muito mais exigente do que a prática tradicional de reprimir os “erros”, de zombar dos sotaques “engraçados” e de impor a ferro e fogo uma norma-padrão fossilizada, através da decoreba infrutífera e maçante da gramática normativa [...] (BAGNO, 2007, p. 85).

Portanto, é oportuno compreendermos que a mudança é tão necessária, quanto urgente em relação ao tratamento dado às questões linguísticas em sala de aula. Em suma, o principal responsável para que esta reeducação aconteça está em nós, professores de língua portuguesa.

Nessa perspectiva, foi proposto aos alunos do 8º ano da Escola Municipal Jardim Bela Vista uma sequência de atividades com objetivo de conscientizá-los a respeito da necessidade de combater o preconceito linguístico.

A seguir, apresentamos o procedimento metodológico sugerido:

Plano de ensino

Disciplina: Língua Portuguesa

Carga horária – 4 horas aulas

Público: Alunos do 8º ano – Escola Municipal Jardim Bela Vista

Professoras: Adalucy Martins Pinto

Claudia Zanata de Oliveira Vasconcelos

Ementa

Estudo dos fenômenos de variações linguísticas e sua ligação com os aspectos de natureza social, cultural e política – humana.

Objetivos

Geral:

Propor uma reflexão sobre a reeducação sociolinguística acerca da competência comunicativa dos educandos.

Específicos:

- Levar em consideração a fala dos alunos;
- Levar os falantes das variedades estigmatizadas a se apoderarem de novos recursos linguísticos, de outras variedades, principalmente das urbanas de prestígio e da norma culta;
- Promover a autoestima linguística.

Conteúdo

1. Preconceito linguístico.

Procedimentos Metodológicos

Módulo 1:

Duração: 2HA

Levantamento de conhecimentos prévios dos alunos por meio de questões orais realizadas pelas professoras.

Apresentação da proposta de trabalho.

Gravar um depoimento para algum ídolo.

Módulo 2:

Duração: 2HA

Audição e transcrição dos áudios para análise do *corpus*.

Análise das variedades linguísticas identificadas nas gravações.

Observação de supressão de fonemas nas falas gravadas (como r e s, por exemplo) e

outros que venham a se apresentar.

Sistematização do tema abordado.

Avaliação

A avaliação será feita mediante a participação, discussão e socialização do tema e da assimilação do tema proposto.

Bibliografia básica

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso*: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. *Preconceito linguístico*. 56ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2017.

Sinop, 03 de julho de 2018.

Transcrição dos depoimentos verbalizados pelos alunos do 8º ano B, da Escola Municipal Jardim Bela Vista.

Inicialmente, os alunos, de maneira descontraída e demonstrando entusiasmo com a atividade proposta, gravaram, no aparelho celular das professoras, depoimentos destinados a pessoas que eles admiravam: ídolos, familiares, amigos etc. Após a gravação dos áudios, os alunos que manifestaram interesse, socializaram com os demais colegas da sala a audição de seus depoimentos, os demais ouviram individualmente.

Em seguida, os alunos foram questionados acerca do modo como se expressaram, como percebiam sua ação comunicativa e se gostaram da forma como verbalizaram seus depoimentos. Surgiram dos alunos algumas observações em relação aos seus depoimentos: “Eu falaria assim mesmo”; “Eu melhoraria, procuraria falar de outro jeito”; “Na hora que a gente fala, a gente nem pensa direito”; “Professora, eu errei muito”; “Eu mudaria tudo”; “Fulano fala tudo errado”, entre outras.

No segundo momento, foi apresentado individualmente para cada aluno a transcrição verbalizada de seu áudio. Ao visualizarem seus depoimentos escritos, comentaram que perceberam muitos “erros”.

Diante destas considerações, partimos para a principal proposta do plano de ensino: uma atividade epilinguística. Explicamos aos alunos que a maioria das ocorrências apresentadas é bastante comum aos falantes de nossa língua, ressaltando que os depoimentos gravados apresentaram falares autênticos e ilustraram a realidade de algumas variedades linguísticas brasileiras, levando-os a refletirem acerca do preconceito linguístico disseminado dentro e fora do ambiente escolar que, na maioria das vezes, corrobora para a estigmatização das variedades linguísticas sem ao menos compreender-se as relações sociais, econômicas e culturais às quais estão imbricadas.

Por fim, foram analisadas as variações encontradas nos depoimentos transcritos de cada aluno, sendo o total de 15, dentre estes, 5 serão discorridos a seguir:

Análise do corpus

Depoimento I

Oi, Nayara, eu sô a Maria³, eu moro em Sorriso, Mato Grosso, ééé, eu sô muito sua fã, tipo, não aquela fã número 1, né, puquê, ah, mai eu godo seu trabalho, eu te admiro e eu gosto muito dessa música, aquela “Buá, buá”, né, puquê é, tipo assim, é, eu acho que é parecida comigo, né, puquê, eu sô adolescente, passu pu essas coisa e, tipo, sou muito sua fã, quero qui cê escute esta mensagem, né, e si possível retorni ela pra mim, um beijo e só.

Tabela 1 – Variações de fonemas identificadas nas falas gravadas.

OCORRÊNCIA	DESCRIÇÃO
é é é	Repetição de interjeição
Puquê	Supressão da letra r e substituição de o por u (porque)
Mai	Troca da conjunção por advérbio e supressão do s (mas)
Godo	Supressão do sto e junção com do (gosto do)
Né	Contração de não é (não é)

³ Os nomes originais dos alunos foram todos substituídos por nomes fictícios.

Sô	Supressão do u (sou)
Cê	Supressão da sílaba vo, pronome de tratamento (você)
Pu	Troca do o pelo u e supressão do s (por)
Qui	Troca do e pelo i (que)
Retorni	Troca do e pelo i (retorne)

Fonte: Autoria própria.

Depoimento II

Oi, meu nome é **Manuela**, sou muito fã de Henrique e Juliano, moru na cidade de Sorriso/ MT, admiru muito o seu trabalho, gosto muito daquela sua música “Na hora da raiva”, eu e minha amiga cantamos ela no show de talentos, gostaria muito que você mi respondesse essa mensagi, um beijo de sua fã **Manuela**.

Tabela 2 - Variações de fonemas identificadas nas falas gravadas.

OCORRÊNCIA	DESCRIÇÃO
Moru	Troca do o pelo u (moro)
Admiru	Troca do o pelo u (admiro)
Muitu	Troca do o pelo u (muito)
Mensagi	Troca do e pelo i e supressão do m (mensagem)

Fonte: Autoria própria.

Depoimento III

Oi, mãe, eu possu não ser a melhor filha do mundo qui a senhora esperava, mais eu admiro muito a senhora, pur a senhora cê uma mulher batalhadora, muito guerrera, eu num tenho comu pagar o que tudo o que a senhora faiz pur mim, mais eu tenho meu amor pa dá, beijo, eu ti amo muito, beijo, de sua filha **Tatiana**.

Tabela 3 - Variações de fonemas identificadas nas falas gravadas.

OCORRÊNCIA	DESCRIÇÃO
Mãi	Troca do e pelo i (mãe)
Possu	Troca do o pelo u (posso)
Qui	Troca do e pelo i (que)
Sinhora	Troca do e pelo i (senhora)
Pur	Troca do o pelo u (por)

Sinhora	Troca do e pelo i (senhora)
Guerrera	Supressão do i (guerreira)
Comu	Troca do o pelo u (como)
Faiz	Acréscimo do i (faz)
Pa	Supressão do r (pra ⁴)

Fonte: Autoria própria.

Depoimento IV

Oi, mãe, eu sei qui eu não possu sê a melhor filha que você isperô, mas eu sei qui você mi ama muito i eu quero agradecê por tudu o que você faiz, né, pelo seu disimpenho em sê a melhor mãe do mundo, ti amu, **Luísa**.

Tabela 4 - Variações de fonemas identificadas nas falas gravadas.

OCORRÊNCIA	DESCRIÇÃO
Mãi	Troca do e pelo i (mãe)
Qui	Troca do e pelo i (que)
Possu	Troca do o pelo u (posso)
Ispero	Troca do e pelo i e supressão do u (esperou)
Qui	Troca do e pelo i (que)
Agradecê	Supressão do r (agradecer)
Tudu	Troca do o pelo u (tudo)
Faiz	Acréscimo do i (faz)
Disimpenho	Troca do e pelo i (desempenho)
Amu	Troca do o pelo u (amo)

Fonte: Autoria própria.

Depoimento V

Oi mãe, éé, eu quiria dizer qui eu amo muito a sinhora, você é muito ispicial, iii eu queru dizê qui eu sô muito a sua fã, eu ti admiru muito, pela sua força qui você é muito guerrera, i eu ti amu, beiju de sua filha **Maria Luísa**.

⁴ Cabe ressaltarmos que o uso da contração *pra* da preposição *para* é cada vez mais comum na fala e até mesmo na escrita, sendo que não sofre mais preconceito linguístico.

Tabela 5 – Variações de fonemas identificadas nas falas gravadas.

OCORRÊNCIA	DESCRIÇÃO
Mãi	Troca do e pelo i (mãe)
É é é	Repetição de interjeições
Quiria	Troca do e pelo i (queria)
Muitu	Troca do o pelo u (muito)
Ispicial	Troca do e pelo i (especial)
Iiii	Repetição de interjeições
Queru	Troca do o pelo u (quero)
Dizê	Supressão do r (dizer)
Qui	Troca do e pelo i (que)
Muitu	Toca do o pelo u (muito)
Guerrera	Supressão do i (guerreira)
I	Troca do e pelo i (e)
Ti	Troca do e pelo i (te)
Amu	Troca do o pelo u (amo0

Fonte: Autoria própria.

Observamos que, nas quarenta e oito ocorrências encontradas, em cinco dos quinze depoimentos transcritos, a troca do ‘e’ pelo ‘i’ é recorrente, aparecendo vinte e duas vezes. Também se destaca a troca do ‘o’ pelo ‘u’, que apareceu quatorze vezes. Aos apresentarmos estes números e demais ocorrências aos alunos, perceberam que todos os falantes cometem trocas comuns na comunicação oral.

Considerações finais

Pudemos observar, em nossa pesquisa, o quão importante é o papel da escola no combate ao preconceito linguístico a partir do momento em que professores ao ensinarem a língua portuguesa propõem uma reflexão quanto ao uso da mesma, levando os alunos a perceberem que não há “certo” ou “errado” quando se refere ao uso da língua e sim formas adequada ou inadequada de acordo com o contexto. Destarte, cabe à escola oportunizar conhecimentos linguísticos necessários para a apropriação da linguagem formal, bem como respeitar as variações linguísticas que os alunos trazem consigo.

Dessa forma, podemos concluir que este plano de aula pôde contribuir para esclarecermos aos nossos alunos a importância de se valorizar a comunicação e o quanto somos parecidos quando articulamos nossas palavras, independentemente de nosso grau de escolaridade. Também fazê-los sentirem-se incluídos em uma atividade que faz parte da realidade a qual eles pertencem. Como afirma Bagno, ao tratar do papel do professor em relação à reeducação sociolinguística, o importante é:

[...] fazer o/a aluno/a reconhecer que é possuidor/a de plenas capacidades de expressão, de comunicação, isto é, possuidor/a de uma língua plena e funcional, de uma língua que é um instrumento eficaz de interação social e de autoconhecimento individual – em outras palavras, promover a autoestima linguística dos alunos e das alunas, dizer-lhes que eles sabem português e que a escola vai ajudar a desenvolver ainda mais esse saber [...] (BAGNO, 2007, p. 84).

A atividade apresentada tratou-se de um exercício que reconhece as competências linguística e comunicativa dos alunos envolvidos, pois partiu de atos corriqueiros deles. A gravação de áudio, intencionalmente articulada, por pertencer ao universo dos adolescentes, deu-lhes a liberdade de falarem sem monitoramento, repressão ou discriminação, fato que contribui para que seus depoimentos fossem originais e que pudéssemos analisar as ocorrências apresentadas.

É este o papel do professor quando se trata de reeducação sociolinguística, expandir gradativamente a competência linguística, sem ferir a língua vernácula, sem traumatizar, usar de maneira crítica e autônoma os materiais didáticos disponíveis e enxergar diversas possibilidades de aprendizado e aprimoramento da língua nas inúmeras formas de comunicação hoje existentes, respeitando sempre as variações da língua e combatendo o preconceito linguístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 240 p. ISBN: 978-85-88456-62-4.

_____. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz?* 46.ed. São Paulo: Loyola, 2006. 186 p.

_____. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz?* 15. ed. São Paulo: Loyola, 1999. 186 p.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. 112 p.

_____. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2017. 192 p.

_____. *Nós chegamos na escola, e agora? Sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. 264 p. ISBN: 978-85-88456-33-4.

COELHO, B. J. A comunicação verbal e suas implicações didático-pedagógicas. 2. ed. Goiânia: UCG, 1977. 160 p.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A sociolinguística: uma nova maneira de ler o mundo. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2017. 192 p.

Submetido em: 28 maio 2020.

Aprovado em: 20 jun. 2020.